



O PAPEL DA PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL NA INCLUSÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sâmela Duarte Cordeiro Leal¹; Daniela Pereira Batista de Paulo Santos²; Elianne Madza de Almeida Cunha-Prado³

¹Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: sameladcl@gmail.com

²Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: daniela_psicologia@hotmail.com

³Faculdade Maurício de Nassau de Campina Grande - PB. E-mail: eliannemadza@yahoo.com.br

Resumo: A atuação do psicólogo escolar e educacional no contexto escolar precisa ser pautada em uma concepção crítica e relacional, considerando os fatores externos (sociais, pedagógicos, familiares, etc.) ao indivíduo que influenciam sua aprendizagem, bem como em uma perspectiva preventiva, no sentido de despertar a conscientização das responsabilidades dos envolvidos na educação escolar, como a família, por exemplo. Posto isso, pretende-se, neste relato de experiência, apresentar e discutir uma intervenção realizada por graduandas de Psicologia da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) em uma escola municipal de Campina Grande-PB com pais e responsáveis de alunos do 3º ano do ensino fundamental, da qual também participaram alguns profissionais da instituição. Ressalta-se que a ação desenvolvida teve o objetivo de oportunizar a reflexão por parte da família acerca do seu papel no processo de escolarização dos filhos e de otimizar a relação família-escola, e se baseou nos pressupostos teóricos da Psicologia Escolar e Educacional Crítica. Na intervenção, discutiu-se, dentre outras questões, que é fundamental que a família se inclua no cotidiano escolar dos filhos/netos para incentivá-los nos estudos, e também que é essencial haver uma relação harmoniosa entre a família e a escola, pois a integração de seus papéis repercute de forma positiva no aprendizado dos alunos. Considera-se que a experiência foi enriquecedora na medida em que promoveu a aproximação das graduandas com a prática do psicólogo escolar e educacional; além disso, foi relevante e significativa por ter despertado reflexões e ressignificações das concepções e práticas dos familiares frente ao processo de escolarização das crianças.

Palavras-chave: Psicologia Escolar e Educacional. Escolarização. Inclusão familiar. Relação família-escola.

1. INTRODUÇÃO

Em termos gerais, a Educação pode ser compreendida como prática social humanizadora, cujo propósito principal é a transmissão da cultura produzida ao longo da história pela humanidade, tendo a responsabilidade de auxiliar o homem na sua humanização, ou seja, na incorporação do mundo histórico-social no qual está inserido (ANTUNES, 2008). O processo educacional no contexto escolar, especificamente, possui as funções de auxiliar o sujeito na construção de sua cidadania, criar condições para que ele possa desenvolver as suas potencialidades, e prepará-lo para o trabalho (DEL PRETTE, 2002).

A Psicologia, ciência cujo objeto de interesse e estudo é a subjetividade humana, produzida a partir de aspectos individuais, experienciais e culturais (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999), em muito tem a contribuir para a educação, sobretudo a que ocorre na



escola. Isso porque pode auxiliar em questões relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento das crianças e adolescentes, bem como em aspectos referentes ao bem-estar subjetivo de todos os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

O termo Psicologia Escolar e Educacional se refere à articulação entre uma subárea do conhecimento psicológico, a Psicologia Educacional, a um campo de prática social específico de atuação – a escola – do profissional dessa subárea, a Psicologia Escolar (ANTUNES, 2008). A PEE se desenvolveu da convicção de que a adequada utilização e aplicação dos saberes e princípios psicológicos no âmbito educacional poderia favorecer o ensino pedagógico (COLL, 2004).

A atuação do psicólogo em contextos educativos escolares no Brasil pode ser observada e contextualizada historicamente a partir de três modelos: o psicométrico, o clínico, e o crítico. O primeiro foi marcado pelo forte uso de instrumentos psicológicos para selecionar e classificar as crianças em normais ou anormais (LIMA, 2005), visando separar os aptos dos não aptos para a aprendizagem (GUZZO et al., 2010). Por sua vez, o segundo se propôs a realizar psicodiagnósticos e tratar as denominadas crianças-problema, que possuíam dificuldades de aprendizagem (LIMA, 2005), baseando-se em uma perspectiva clínica e terapêutica, centrando-se em sua dimensão individual (ANTUNES, 2008).

Quanto ao modelo crítico, trata-se de um movimento de análise crítica da prática desse profissional que surgiu a partir da década de 1980, despertando a atenção dos profissionais para a necessidade de considerar o contexto envolvido no processo da educação escolar. Assim, as dificuldades dos alunos em relação à aprendizagem passaram a ser vistas como socialmente constituídas e analisadas conforme os fatores envolvidos em sua produção, tais como os históricos, econômicos, políticos, sociais, pedagógicos e familiares (LIMA, 2005).

Logo, o psicólogo escolar e educacional deve basear seu trabalho em concepções integradoras e relacionais (OLIVEIRA; MARINHO-ARAUJO, 2009), levando em conta as influências externas na aprendizagem escolar, das quais se destacam os fatores inter-relacionais presentes na sala de aula e também na família, visto que esta é um elemento primordial no desenvolvimento da personalidade da criança (VALLE, 2003).

Ademais, esse profissional também deve fundamentar sua prática em uma perspectiva preventiva no sentido de proporcionar a reflexão e a conscientização de responsabilidades dos envolvidos no processo de escolarização, tais como os familiares dos alunos, buscando remover bloqueios que se interpõem à apropriação do saber por parte deles (MARINHO-ARAUJO; ALMEIDA, 2010). Assim, por exemplo, deve elaborar e conduzir, dentre outras



medidas, “programas junto a pais (...) na promoção de condições de aprendizagem e de desenvolvimento integral do aluno” (DEL PRETTE, 2002, p. 29).

Com o propósito de se aproximar da atuação de um psicólogo escolar e educacional, de oportunizar a reflexão por parte da família acerca do seu papel no processo de escolarização dos filhos e de otimizar a relação família-escola, quatro graduandas de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) realizaram uma intervenção em uma escola municipal da cidade de Campina Grande-PB com pais e responsáveis de alunos do 3º ano do ensino fundamental, contando também com a participação de alguns profissionais da escola.

Posto isso, o presente artigo se constitui em um relato de experiência cujo objetivo principal é apresentar como ocorreu a ação desenvolvida e discutir sobre seus resultados. Ressalta-se que a intervenção partiu de uma perspectiva institucional, preventiva e crítica, baseando-se nos pressupostos teóricos da Psicologia Escolar e Educacional Crítica.

2. METODOLOGIA

Este artigo se constitui em um relato de experiência que apresenta a vivência de um trabalho desenvolvido por graduandas de Psicologia, originado da disciplina Psicologia e Educação, com os pais e responsáveis de alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Campina Grande-PB, sendo que também se fizeram presentes alguns profissionais da referida instituição escolar.

Vale mencionar que, antes de propor qualquer tipo de ação, fez-se necessário percorrer uma trajetória metodológica que permitiu o levantamento de demanda da escola, possibilitando a elaboração de uma atuação que fosse participativa, crítica e coerente com a realidade escolar.

Dessa forma, foi realizado um mapeamento institucional cujo objetivo foi subsidiar a compreensão da dinâmica da escola (MARINHO-ARAÚJO; ALMEIDA, 2010) por meio da análise de documentos internos, como o Projeto Político Pedagógico, permitindo a sondagem da história, ideologia e filosofia da instituição. Realizou-se, também, uma observação da dinâmica da turma escolhida para intervir – a do 3º ano –, a fim de elaborar uma proposta de intervenção coerente com o contexto da sala de aula.

Além disso, fez-se necessário a realização de entrevistas com duas professoras, a diretora e a supervisora, seguindo um roteiro contendo perguntas como “qual a função da escola? quais os empecilhos que dificultam o alcance dessa função? como você vê o



psicólogo nesse contexto?”, que foram gravadas com a permissão das participantes – através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – e posteriormente transcritas e analisadas.

Destaca-se que a análise de cada etapa percorrida apontou para a necessidade de promover uma otimização da interação família-escola, bem como a conscientização da família sobre sua importância e sua função na educação escolar dos discentes e seu aprendizado. Sendo assim, a intervenção proposta foi a de realizar um café da manhã com os pais dos alunos do 3º ano a fim de oportunizar um espaço para diálogo e reflexão sobre seu papel no processo de escolarização dos filhos.

Para tal, foi confeccionado um convite, com os dizeres: “Estudantes de Psicologia da UEPB têm o prazer de convidá-lo para degustarmos um delicioso café da manhã e conversarmos sobre a importância da família na educação escolar. Sua presença é importante para nós! Participe!” e entregue aos alunos do 3º ano, pedindo para que eles entregassem aos pais/responsáveis e os incentivassem a comparecerem ao encontro. Ressalta-se que a equipe gestora da escola não só consentiu com o desenvolvimento da ação, mas também ofereceu o café da manhã.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção foi realizada em maio de 2015 por quatro graduandas de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Ao total, foram convidados os pais/responsáveis de 24 alunos da turma do 3º ano; porém, a atividade interventiva só contou com a presença de três mães, um pai e uma avó. Destaca-se que também participaram do encontro uma professora, a diretora e a supervisora da instituição escolar, participação essa que foi essencial para que houvesse um estreitamento da relação entre família e escola nesse momento reflexivo.

No primeiro momento da intervenção, com a utilização de um barbante, realizou-se a técnica de dinâmica grupal intitulada “teia do envolvimento”, que teve uma dupla finalidade: a) proporcionar um quebra-gelo, possibilitando que os participantes se apresentassem de modo interativo e comesçassem a se aproximar; b) levantar uma discussão a respeito do quão significativo é o estabelecimento de relações interpessoais saudáveis.

Dessa forma, no desenvolvimento da dinâmica, todos os participantes ficaram de pé, formando um círculo, e cada um deveria pegar o barbante, o enrolar em seu dedo indicador e fazer sua apresentação pessoal – no caso dos pais, deveria falar seu nome e o nome do (s) filho (s); no caso da diretora, da supervisora e da professora, deveria dizer o nome e a função



na escola; e no caso das alunas da equipe interventiva, precisaria falar o nome e idade. Logo após se apresentar, cada pessoa deveria jogar o barbante para outro indivíduo, e este precisaria agir da mesma maneira que o participante anterior, e assim sucessivamente.

A dinâmica foi finalizada quando todos se apresentaram; nesse instante, pediu-se ao grupo para que visualizasse a figura que havia sido formada pelo entrelaçamento de todos através do barbante enrolado no dedo, questionando-lhe sobre qual era essa figura, e a diretora prontamente respondeu corretamente que era uma teia. A partir dessa técnica, abordou-se sobre a importância das relações, enfatizando que é preciso haver uma conexão entre os familiares e os profissionais da escola, pois essa interação repercute de forma positiva na aprendizagem das crianças. Também foi destacado que é preciso que os pais busquem interagir entre si, compartilhando experiências, dificuldades e progressos dos filhos e oferecendo suporte um ao outro.

Depois do estabelecimento de um dinamismo e vínculo grupal, partiu-se para a segunda etapa do encontro, que consistiu na exibição de uma reportagem da época que noticiava a inspiradora história de uma mãe que não havia terminado o ensino fundamental e era catadora de lixo, mas, mesmo assim, incentivou seus filhos para uma vida voltada aos estudos. O mais impressionante foi o fato dela ter despertado o interesse dos filhos pelo conhecimento por meio de sua atitude de recolher livros do lixo e levá-los para casa, a fim de ler para as crianças, mesmo que não soubesse ler direito. Essa atitude da mãe fez com que um de seus filhos aprendesse a valorizar a leitura desde a infância e investisse alto na educação, o que resultou em sua aprovação, aos 15 anos, em um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em primeiro lugar geral.

Através desse vídeo, desenvolveu-se uma roda de conversa para refletir acerca das lições que a história passava e, conseqüentemente, sobre as dificuldades básicas no processo da educação formal assim como as possibilidades de ação frente aos obstáculos. Desse modo, a equipe interventiva promoveu uma reflexão sobre a função da família na educação escolar, reafirmando o quanto esse processo é essencial e esclarecendo que o importante não é o grau de escolaridade dos pais nem mesmo a sua condição financeira, mas sim o seu desejo e o esforço de motivar e incentivar os filhos.

Ademais, foi explanado que a função social da escola é uma extensão da educação que a criança recebe da família e que, por isso, o trabalho dessa instituição deve ser realizado em conjunto com a família, em prol do aprendizado eficaz dos alunos. Enfatizou-se, então, que é fundamental haver uma relação harmoniosa entre a família e a escola, e que ambas devem ter consciência de suas responsabilidades na educação das crianças, pois cada uma assume papéis



que são distintos, mas que se complementam. Isso foi mencionando porque é muito comum que os pais deleguem a função de educação dos filhos somente à escola, se esquecendo que o ensino escolar não é suficiente para suprir toda a dinâmica educacional na formação integral do indivíduo.

Nesse momento, os familiares se sentiram à vontade para falar e ressignificar algumas questões relacionadas ao seu posicionamento diante do processo de escolarização de seus filhos/netos. Alguns contaram um pouco sobre a sua história de vida, relatando as dificuldades que enfrentaram para estudar. Outros mencionaram os motivos que os fizeram abandonar a escola e também o desejo de continuar os estudos. Uma mãe, em especial, expôs que seu sonho era voltar a estudar e se tornar uma profissional de enfermagem, e, em resposta, a equipe interventora refletiu que a realização desse sonho era possível, bastava acreditar e se esforçar para alcançá-lo.

No decurso da roda de conversa, a supervisora apresentou algumas dificuldades que sentia em relação ao apoio da família no acompanhamento do aprendizado dos alunos, reforçando a relevância da presença dos pais no cotidiano escolar dos filhos. Por outro lado, os pais também tiveram a oportunidade de expor algumas queixas em relação àquela instituição, porém, a maioria expressou que gostava da escola e que não tinha muito do que reclamar sobre seu trabalho. Ressalta-se que, durante todo o encontro, foram investidos esforços pelas facilitadoras para mediar as falas e manter o foco nos objetivos da intervenção.

Vale dizer que surgiram outras questões que não estavam em pauta, mas que foram consideradas como necessárias de serem trabalhadas, como a consideração de que para um pai ou uma mãe incentivar o (a) filho (a) a estudar não é apenas ajudar ou ensinar em um exercício de casa, ou fiscalizar o que acontece na escola (em relação a brigas e conflitos entre colegas, por exemplo), mas é também sonhar com a criança e acreditar nesse sonho junto com ela, mesmo que ele seja, aparentemente, impossível de ser alcançado. Nessa ocasião, novamente foi retomado o exemplo inspirador do garoto da reportagem, que persistiu em seu sonho e conseguiu realiza-lo mediante o auxílio de sua mãe.

A professora que estava presente acrescentou que também é fundamental que as crianças entendam o sentido de precisarem estudar e frequentar a escola todos os dias, relatando que muitos alunos vão para a escola somente porque seus pais a obrigam e não explicam a importância disso, o que acaba dificultando a aprendizagem. A partir dessa questão, o grupo interventivo explicitou que, de fato, é indispensável que os discentes compreendam que o valor do estudo e do processo de escolarização está em contribuir para a construção de um futuro promissor, profissional, social e pessoal. Aproveitou-se para salientar



que, para explicar isso à criança de forma que ela entenda, é preciso utilizar uma linguagem acessível e adequada à sua faixa-etária.

Depois que todos compartilharam suas perspectivas sobre os assuntos debatidos e refletiram sobre elas, foi servido o café da manhã que havia sido proposto pelas universitárias para o encontro e preparado com muita dedicação pela merendeira da escola, contendo bolos de diversos sabores, pães com presunto, biscoitos, iogurte e café. Após a refeição, a diretora questionou os pais sobre o que eles haviam aprendido naquele evento, e alguns responderam que precisavam acompanhar mais a educação escolar de seus filhos, enquanto outros relataram que havia sido um momento “maravilhoso” e produtivo.

Por último, a equipe interventiva agradeceu a presença e a participação de todos no encontro e também à gestão pela boa recepção e disponibilidade em ajudar. Faz-se pertinente mencionar que, enquanto a intervenção estava acontecendo, os alunos dos familiares participantes estavam preparando, com a ajuda da professora, uma singela lembrança que levaria para casa e entregaria aos pais e avó como um símbolo de que é importante a presença deles em sua trajetória escolar.

Essa experiência com a família e com profissionais da escola possibilitou, mesmo que de forma breve, acesso a uma das ações que o psicólogo pode fazer na escola, que é a de elaborar estratégias de reflexão com todos os atores envolvidos no processo educativo para trabalhar seus paradigmas e suas relações (ANDRADA, 2005), a partir do auxílio na conscientização de pais e responsáveis sobre a sua função na educação escolar dos filhos como complemento do trabalho realizado pela escola.

Sendo assim, através da discussão levantada, também foi possível colaborar para a otimização da relação família-escola, uma vez que ambas as partes puderam se aproximar e dialogar sobre o valor de sua integração e da responsabilidade compartilhada para contribuir no processo de aprendizagem das crianças. Corroborou-se, na prática, com a concepção de que o psicólogo escolar e educacional deve se incluir no cenário educativo, posicionar-se como um agente de mudanças e se comprometer com a meta primordial da educação: a humanização (LIMA, 2005).

Enfim, ressalta-se que a ação desenvolvida possuiu dupla relevância: a primeira é acadêmica e científica, na medida em que contribuiu com subsídios pertinentes à formação das estudantes de Psicologia que participaram dessa atuação, principalmente quanto ao aspecto prático; e a segunda é social, pois propiciou um momento de aproximação entre agentes da comunidade escolar, a partir de uma ação que pode ser dada continuidade pela equipe técnica inserida na instituição.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do reconhecimento da profissão no Brasil, o psicólogo escolar e educacional foi chamado para respaldar as escolas em questões relacionadas às dificuldades apresentadas pelas crianças quanto à aprendizagem, para classificar, através de testes, os que eram ou não aptos a aprender. Posteriormente, esse modo de atuação foi complementado pelo modelo clínico e psicoterapêutico, visando atender e tratar o aluno que, por responsabilidade própria não estivesse adaptado à escola (ANTUNES, 2008).

Com a substituição, pelo menos teoricamente, por concepções críticas (TANAMACHI; MEIRA, 2003) a partir da década de 1980, ainda que se persistam essas formas de atuação tradicionais que tendem a focar meramente na dimensão individual do sujeito e desconsiderar o contexto de produção e manutenção do problema, deve-se reconhecer o esforço dos profissionais de Psicologia Escolar e Educacional em tentar romper com essas práticas que não ajudam o aluno em nenhum aspecto, pelo contrário, apenas o rotula, prejudicando-o ainda mais.

Desse modo, a intervenção aqui relatada se baseou em uma perspectiva crítica, considerando que não só o aluno é responsável pelo seu desempenho escolar, mas também os familiares, os profissionais da escola e demais pessoas que compõem suas relações sociais. Além disso, levou em conta que o psicólogo escolar e educacional não pode ficar alheio aos acontecimentos da escola, mas propor mudanças e transformações nesse cenário em prol da otimização da educação escolar. Seu papel se relaciona com a humanização, e esta precisa partir de toda a equipe da escola e dos familiares dos educandos.

Diante disso, pode-se considerar que a intervenção realizada enriquece os conhecimentos didáticos e metodológicos acerca da ação do psicólogo dentro da instituição escolar, trazendo uma experiência enriquecedora para as graduandas em Psicologia. Ademais, a ação desenvolvida foi significativa na medida em que promoveu a aproximação entre escola e família, bem como proporcionou reflexão e ressignificação de concepções e práticas, sobretudo dos pais e responsáveis, a respeito de sua responsabilidade no processo de escolarização das crianças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. A. M. Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)** [online], Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-475, dez. 2008.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

COLL, C. Concepções e tendências atuais em psicologia da educação. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALÁCIOS, J. (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Psicologia da Educação Escolar. v. 2. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 19-42.

DEL PRETTE, Z. A. P. Psicologia, Educação e LDB: novos desafios para velhas questões? In: GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia escolar, LDB e educação hoje**. 2. ed. Campinas: Editora Alínea, 2002, p. 11-34.

GUZZO, R. S. L. et al. Psicologia e educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online], Brasília, v. 26, n. especial, p. 131-141, 2010.

LIMA, A. O. M. N. de. Breve histórico da psicologia escolar no Brasil. **Psicologia Argumento** [online], Curitiba, v. 23, n. 42 p. 17-23, jul./set. 2005.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. de. Intervenção institucional: possibilidades de prevenção em psicologia escolar. In: _____. **Psicologia escolar**: construção e consolidação da identidade profissional. 3. ed. Campinas: Editora Alínea, 2010, p. 85-98.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ** [online], v. 9, n. 3, p. 648-663, 2009.

TANAMACHI, E. R.; MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. **Psicologia Escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

VALLE, L. E. L. R. do. Psicologia escolar: um duplo desafio. **Psicol. cienc. prof.** [online], v. 23, n. 1, p. 22-29, 2003.